



ANÁLISE GEOESPACIAL DA PROSTITUIÇÃO MASCULINA NA CIDADE DE ARACAJU/SE

SANTOS, Felipe Alan Souza¹; RODRIGUES, Jovenildo Cardoso²

RESUMO

Nas complexas relações do território, é necessário conhecer a dimensão simbólica, que resulta dos espaços ocupados por determinado grupo social e lhe fornece identidade cultural. O sentido de valor e função dos objetos sociais existentes nas relações sociais do território integra a esse o sentido de territorialidade. Após esse entendimento, é fático compreender que novas concepções e ações ocorreram nesses espaços. O objetivo do presente artigo é conhecer simbolicamente os garotos de programa participantes da pesquisa, revelando seu perfil na espacialidade, na cidade de Aracaju/SE. A metodologia aplicada foi a etnografia virtual, campo metodológico que permite conhecer e discutir o fenômeno a partir da interação existente no espaço virtual, seja pela rede social ou por software que introduza uma discussão entre participante e pesquisador. Resultados preliminares expõem uma dinâmica bastante flexível e eclética de garotos de programas da cidade de Aracaju/SE, que revela a disposição da territorialidade para o serviço, ora a fim de contemplar o desejo de consumo do cliente, ora para conseguir realizar suas atividades e serviços.

Palavras-chave: Garoto de Programa; Territorialidade; Etnografia virtual.

GEOSPACE ANALYSIS OF MALE PROSTITUTION IN THE CITY OF ARACAJU/SE

ABSTRACT

In the complex relations of the territory, it is necessary to know the symbolic dimension, which results from the spaces occupied by a given social group and provides cultural identity. The feeling of value and function of the social objects existing in the social relations of the territory integrates the feeling of territoriality. After this understanding, it is easy to understand that new conceptions and actions occurred in these spaces. The aim of this article is to symbolically meet the program participants participating in the research, revealing their profile in spatiality in the city of Aracaju / SE. The applied methodology was the virtual ethnography, methodological field, which allows to know and discuss the phenomenon from the interaction existing in the virtual space, either through the social network or through software that introduces a discussion between participant and researcher. Preliminary results, exposes a very flexible and eclectic dynamic of the program boys in the city of Aracaju, which reveals the disposition of territoriality for the services, sometimes in order to contemplate the consumption desire of their client, sometimes to be able to carry out their activities and services.

Keywords: Program Boy; Territorialidad; Etnografía virtual.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO/UFPA), participante do Laboratório de Estudo e Pesquisa sobre Habitação e Moradia (LAHAM). E-mail: felipesantosprof@hotmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-00024931-2481>.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO/UFPA), líder do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Habitação e Moradia (LAHAM). E-mail: jovengeo@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5650-1168>.

1. INTRODUÇÃO

Sendo o espaço geográfico complexo e as realidades sociais dicotômicas, é norteador mergulhar na dialética sobre a realidade simbólica do grupo em estudo e o território que o circunda. A prostituição masculina na cidade de Aracaju, como em todo o país, vem crescendo e tomando novos espaços, sejam eles: públicos, privados e mesmo virtuais. Estudos aponta que quanto maior o nível de desemprego e desigualdades, maior é a prática e a inserção de profissionais do sexo no cotidiano urbano.

A arte de produzir ciência não é uma tarefa fácil, visto que necessita de entusiasmo, compromisso e dedicação. Unir conhecimento ao estudo do trabalho de garotos de programas de um determinado lugar também é um enorme desafio, uma vez que no estudo da arte realizado em trabalhos próximos ao tema, os sujeitos envolvidos são indivíduos pouco acessíveis à observação e ao diálogo, haja vista que seu trabalho está diretamente ligado ao oculto e ao discreto. São verdadeiros “Batmans”, em que socialmente sabe-se que existe, mais esses mesmos indivíduos necessitam manter-se escondidos, sua real identidade, necessidade e aptidões simbólicas são camuflada, em muitos dos casos seu nome de batismo é substituído por aquele em que o mesmo ficará conhecidos nas redes sociais, nas boates e no sítio de serviço da internet, protegendo-se do preconceito que fortemente traça a sociedade brasileira.

Por serem representantes de uma minoria marcada por forte exclusão, preconceito e machismo, apresentar esses sujeitos é de suma importância para um novo olhar social, olhar que deve buscar o respeito, a profissionalização, a criação de políticas públicas e o ingresso, de fato, desses sujeitos na sociedade, sem máscaras e apontamentos.

O objetivo do presente artigo é conhecer simbolicamente os garotos de programa em questão, revelando suas condições socioeconômicas e espacialidade na cidade de Aracaju/SE. A metodologia aplicada foi a etnografia virtual, campo metodológico que permite conhecer e discutir o fenômeno a partir da interação existente no espaço virtual de discussão, seja pela rede social ou por software que introduza uma discussão entre participante e pesquisador.

Portanto, enquanto contribuição acadêmica, o presente trabalho possibilita conhecer esses sujeitos e discutir fatores que cercam a vivência desses profissionais na cidade de Aracaju. Espera-se ainda que ele amplie o campo de estudo e estimule novos pesquisadores na continuidade da investigação acerca do trabalho sexual masculino.

2. TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE E A PROSTITUIÇÃO MASCULINA.

O estudo minucioso sobre o território e suas diferentes faces é essencial para a compreensão da territorialidade da prostituição masculina na cidade de Aracaju/SE. Discutir território não é foco único da ciência geográfica. Corrêa (2000) e Haesbaert (2004) expõem que áreas como: economia, ciência política, ciência social e antropologia também buscam compreendê-lo e conceituá-lo, sendo que a geografia estuda a materialidade existente na relação sociedade-natureza em suas múltiplas dimensões.

Haesbaert (2004), ao debater sobre a desterritorialização, fomenta uma análise para melhor compreensão da concepção de territórios, sob três ópticas. A primeira seria a noção de território político, o qual estabelece a ideia de controle do território pelo Estado, sendo esse a instituição que exerce o poder. A segunda retrata uma construção mais simbólica, fruto da vivência e da experiência de um determinado grupo com o seu território, o que acaba repercutindo em um processo de apropriação e valorização subjetiva do mesmo pelo indivíduo ou por seu grupo. E a terceira é a econômica, que dota o território com um arsenal de recursos, no qual os constantes conflitos pela posse e pelo domínio resultam em um confronto constante entre as diferentes classes e na relação entre capital e trabalho.

Apesar da coexistência dessas diversas concepções de territórios, a defendida por Haesbaert (2004) parte da ideia de território enquanto um propulsor com forte caráter político. Dois autores convergem com a dimensão política do território e são bastante usados nos estudos de Haesbaert (2004). São os pesquisadores Sack (1986) e Raffestin (1993). O primeiro compreende o controle político em um determinado espaço, sendo responsável por firmar relações de poder que influenciam ou controlam os indivíduos em relação à atribuição, concessão e manutenção do território.

Raffestin (1993) também entende o território como espaço resultante do exercício do poder e pela convexidade do trabalho humano. Conforme sua concepção, o exercício do poder se dá em uma determinada área, sendo, portanto, limitado. Esse limite não deve ser apenas entendido como um controle linear, mas também zonal e, desse modo, detém o poder o grupo que se mantém unido frente aos demais. Prado Junior expõe que o “poder de gerenciar o território, permitir e conceder o seu uso e a passagem por ele resulta da habilidade de agir diante dos diversos interesses e forças que permeiam esse espaço” (2020, p. 8).

Corroborando com Raffestin (1993), Haesbaert (2004) engendra a territorialidade como fruto da realidade vivenciada pelo coletivo. Portanto, se fortalece de modo multidimensional pelas diferentes relações com a natureza e na tríade sociedade-espaço-tempo, preponderante para as relações produtivas de um sistema.

Nesse ponto, Haesbaert (2004) fornece um raciocínio lógico que merece destaque na discussão sobre as relações de poder no território. O caráter relacional do território expõe a existência no âmbito complexo das relações entre os processos sociais e o espaço material, sendo este de primeira ou segunda natureza. Não obstante, pode ser confundido com uma leitura simplista de espaço, mas deve ser compreendido como fluido, interconectado, em movimento.

[...] o território, relacionalmente falando, ou seja, enquanto mediação espacial do poder, resulta da interação diferenciada entre as múltiplas dimensões desse poder, desde sua natureza mais estritamente política até seu caráter mais propriamente simbólico, passando pelas relações dentro do chamado poder econômico, indissociáveis da esfera jurídico-política. (HAESBAERT, 2004, p. 93).

Haesbaert (2004) categoriza o estudo do território em três dimensões: a política, a econômica e a cultural (ou simbólica/cultural), estando esta última no plano central de discussão e análise do fenômeno estudado, pois essa dimensão prioriza o entendimento da apropriação e a valorização simbólica do território usado por um determinado grupo, no espaço urbano.

O território da prostituição é expressivamente flutuante e instável. Isso é oriundo dos constantes conflitos entre os diferentes grupos ligados à prostituição, como as prostitutas, os michês (garotos de programa) e os travestis. Souza (1995) traz para a discussão um acerto muito pertinente, que se refere à ideia de que os territórios podem ser construídos e desconstruídos em diferentes escalas, inclusive, sendo temporais e espaciais. Isso explica, por exemplo, como a construção de um grande empreendimento permite o surgimento da prática da oferta da prostituição, ou mesmo a localização e o horário da prostituição em determinados locais, em uma cidade, usando-se, inclusive, as redes sociais e a internet para oferta de serviço.

O crescente fluxo de turista na Orla de Atalaia, na cidade de Aracaju/Se, acaba consolidando esse território como espaço de oferta desses serviços. Pode-se encontrar esses profissionais nas diversas boates, bares, restaurantes, ruas próxima e a oferta do serviço pela internet. O espaço virtual está consolidando, enquanto espaço fluido para a oferta do serviço, sendo que parcela expressiva desses profissionais publicam seus atributos físicos e de comunicação nessas plataformas digitais.

Verifica-se diferentes funções no espaço geográfico da cidade de Aracaju e em especial dos Bairros próximos a Orla de Atalaia, em que o crescente potencial turístico desponta a oferta de serviços de profissionais do sexo, tendo esse espaço diferentes funções: comerciais, turísticas, habitacional e da prostituição.

A divisão territorial e social do trabalho é desigual e essas características acabam estilizando o espaço das cidades. Enquanto complexa, é simultaneamente fragmentada e articulada. Seus espaços estão

susceptíveis a usos variados, constantemente em construção e destruição. Nesse ponto, é oportuno discutir que esse dinamismo não ocorre de maneira homogênea em todos os lugares da cidade, seja no tempo ou no espaço.

Para Ribeiro (1997), essa heterogeneidade de articulações presentes nas dinâmicas espaciais da cidade dá-se pelas distintas natureza, condição e reprodução social do trabalho existente em sua complexa relação social. Isso acaba resultando em constantes lutas simbólicas entre os mais variados grupos presentes no espaço urbano, tornando-se palco das contradições humanas, em outras palavras, um lugar de constantes conflitos. Assim Ribeiro afirma: *É no espaço urbano que as lutas se desenvolvem, já que a cidade é, ao mesmo tempo, cenário e objeto de lutas sociais, que têm como dimensão espacial a formação de diversos territórios, até mesmo por grupos marginais, a partir de atividades tidas como ilícitas* (1997, p. 89).

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Apesar de os trabalhos na área de prostituição masculina serem poucos, neste, pretende-se discutir, de forma científica, o tema. A princípio, buscou-se conhecer e inter-relacionar os diversos conteúdos sobre o tema, autores que contribuem para a discussão de território e territorialidade e outros que são relevantes para a compreensão da prática da prostituição masculina.

Uma pesquisa tem caráter exploratório no momento em que o pesquisador tem como objetivo descrever melhor o problema, pois “trata-se de abordagem adotada para a busca de maiores informações sobre determinado assunto” (GIL, 2006, p. 41). Apresenta também um planejamento flexível e é indicada quando há pouco conhecimento sistematizado sobre o assunto. Também apresenta caráter descritivo, pois, segundo o autor supracitado, essa pesquisa procura abranger aspectos variados de um contexto social. Dessa forma, a presente pesquisa buscou observar, descrever e refletir sobre a territorialidade de garotos de programa da cidade de Aracaju/SE.

3.1. ÁREA DE ESTUDO E PARTICIPANTES DA PESQUISA.

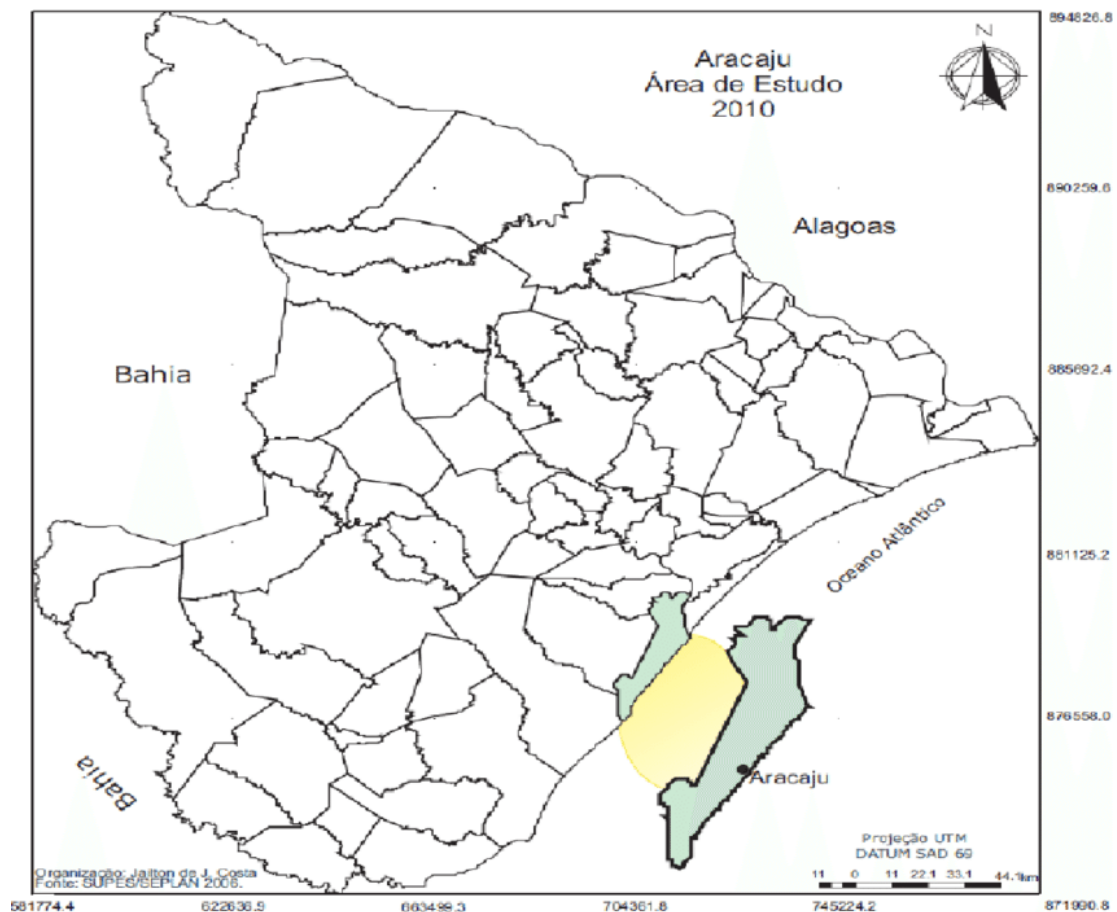
A pesquisa aqui apresentada foi realizada no município de Aracaju, capital do Estado de Sergipe. Tal município apresenta 181,8 km² de extensão e população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2019, em, aproximadamente, 657,013 habitantes, com uma densidade demográfica de 3.140, 65 hab/Km².

A pesquisa foi realizada com profissionais do sexo masculino que oferta serviços de acompanhamento em plataforma virtuais. Para participarem da pesquisa, o referido profissional do sexo deveria afirmar possuir residência fixa na cidade de Aracaju, pois diferentemente de outras pesquisas a presente trabalhou com questionário estruturado no google formulário, onde os participantes respondem de maneira anônima e pela internet.

A pesquisa trabalhou com 35% dos garotos de programas encontrados em anúncios de serviços da internet, no sítio “Garoto.Com”, sendo que, para participarem da pesquisa, os mesmos marcaram, no formulário enviado, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da pesquisa (TCLE).

As entrevistas foram realizadas nos meses de agosto a outubro de 2020, através de contato por telefone, por números coletados via plataforma de serviço na internet, “Google pesquisa”, em websites específicos de oferta de serviços sexuais.

Abaixo, tem-se o mapa do Estado de Sergipe, dando ênfase a cidade de Aracaju, cidade onde foi desenvolvida a pesquisa.



Localização geográfica do Município de Aracaju. Fonte: COSTA, 2006

3.2. COLETA DE DADOS

A escolha da metodologia a ser empregada em uma pesquisa é condicionada pelo objeto de estudo. Dessa forma, o que determina o caminho a ser utilizado metodologicamente pelo pesquisador, seja ele quantitativo ou qualitativo, é, portanto, o problema de pesquisa. Santos (1994) afirma que não deve existir um dualismo de métodos, mas um olhar atento e coeso para melhor direcionar a pesquisa e as análises de seus resultados.

Dessa forma, no desenvolvimento deste estudo, fez-se uma combinação de métodos classificados tanto como qualitativos, quanto como quantitativos. Nesses últimos, as informações são, sobretudo, de natureza numérica, têm um tratamento estatístico e são apresentadas em forma de gráficos. A pesquisa qualitativa foca prioritariamente o sujeito e, no caso da geografia, Turra Neto (2012) afirma que envolve estudos que se preocupam com as práticas, as formas de apropriação do espaço, a territorialização e a geograficidade de pessoas e grupos sociais.

Para entender melhor o objeto aqui estudado, é extremamente importante compreender que

[...] qualquer que seja o caminho metodológico escolhido, a permanente reflexão sobre o que está sendo feito, ou mesmo sobre a necessidade de reestruturação de aspectos que antes não estavam explícitos, são primordiais para a realização de uma pesquisa que se preocupa com a ética e a coerência nos resultados obtidos. (OLIVEIRA, 1998, p. 25).

Qualitativamente, foi aplicada a técnica do etnocentrismo virtual, recente metodologia incorporada às práticas das ciências geográficas. Foi introduzida na década de 90, quando as tecnologias de informação e comunicação passaram a ser utilizadas por um contingente maior de pessoas. Lemos (2010) associa essa técnica à ampliação da aquisição de computadores, devido ao crescimento dos serviços de conexão de internet e ao barateamento de preços de computadores e equipamentos. Com essa maior difusão de aparelhos de computadores, nasce a relevância no estudo das práticas sociais (SANTOS, 2020).

A opção pelo uso da metodologia etnográfica virtual se justifica porque ela possibilita a realização de estudos com sujeitos geograficamente dispersos, ou mesmo que possuam uma resistência a serem vistos, entrevistados e reconhecidos, como é o caso dos sujeitos desta pesquisa: garotos de programa. Couto Junior (2013) revela duas razões que tornam a etnografia virtual válida para esse tipo de pesquisa: a primeira, porque permite um diálogo dos que usam a internet, e a segunda, porque a comunicação pode ser realizada através de diversas ferramentas síncronas e assíncronas.

A etnografia virtual permite um estudo circunstanciado das relações nos espaços virtuais, nos quais a internet é o meio de compartilhamento cotidiano da vida das pessoas e lugar de encontro, que

permite a criação de comunidades, de grupos estáveis e a ocorrência de novas formas de sociabilidade. (MERCADO, 2012).

A etnografia virtual também potencializa a análise de dados, visto que contribui com a interpretação do significado e das funções das atuações humanas que são manifestadas por meio de descrição e explicações escritas e verbais.

[...] estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas; associadas de alguma maneira, unidade social representativa para estudo; emprego de variedade de métodos e técnicas qualitativas; elaboração dos resultados da pesquisa de forma descritiva; presença constante do etnógrafo no AVA; multifatorial, conduzida pelo uso de duas ou mais técnicas de coleta de dados, de natureza qualitativa ou quantitativa, para triangular uma conclusão, fortalecida pelas múltiplas vias com que foi alcançada; intensa imersão pessoal na interação mediada, que envolve a exploração do uso de meios em seu contexto; adapta-se aos propósitos, práticos e reais, de explorar as relações nas interações mediadas; é indutiva, conduzida de modo a usar um acúmulo descritivo de detalhes para construir modelos gerais de teorias explicativas; é dialógica, conduzida por pesquisadores cujas conclusões e interpretações podem ser discutidas pelos informantes na medida em que elas vão se formando; as comunicações escritas e orais são reduzidas a textos escritos susceptíveis de serem interpretados com base em categorias que seguem normas de análises de conteúdo e induzem construções de complexidade crescente. (MERCADO, 2012, p. 170).

A etnografia virtual induz o pesquisador a se envolver profundamente na pesquisa. Essa intensa participação constitui elemento fundamental para o trabalho de campo. A obtenção de dados é praticamente automática, uma vez que a busca por determinadas informações na internet, como a pesquisa por site de serviços sexuais, é pública e muitos dos documentos, fotos, apresentações do serviço são disponibilizados para download.

Apesar de os trabalhos na área de prostituição masculina serem poucos, neste, discute-se, de forma científica, o tema. Para tanto, foram utilizadas outras metodologias que também apresentam relevância científica, como o estudo da arte. Esse estudo foi realizado através do levantamento bibliográfico, a fim de inter-relacionar os diversos conteúdos sobre o tema, os autores que contribuem para a discussão de território e territorialidade e outros que são relevantes para a compreensão da prática da prostituição masculina. Foi realizada uma pesquisa na plataforma de produção acadêmica da Capes, usando-se as palavras-chave: “Território da prostituição”, “Prostituição masculina” e “Prostituição na cidade de Aracaju”.

O primeiro contato com os participantes foi feito por meio de ligação telefônica. Após a concordância verbal, aos mesmos foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido (TCLE) e que respondessem o Questionário I, através do aplicativo “Google Forms” (Formulário Google), que foi enviado via aplicativo de celular, conhecido como “whats App”.

O “Google Forms” é um aplicativo gratuito e se caracteriza por permitir a criação de formulários online. Nele é possível produzir questões discursivas, solicitar avaliações em escala numérica, fazer questões de múltipla escolha para coletar as respostas dos participantes. Essa ferramenta é importante para quem precisa de um feedback rápido e sigiloso.

Nesse tipo de pesquisa, todo o contato deve ser feito de maneira cuidadosa para facilitar o feedback entre pesquisador e participante, uma vez que é sabido que o contato direto com esses profissionais para participarem da pesquisa é complexo e as respostas recebidas podem fugir da realidade. Quando os mesmos estão em frente ao pesquisador ou mesmo em um grupo que os acolhe, como as Organizações Não-Governamentais (Ongs), os coadjuvantes podem negligenciar suas respostas, comprometendo a veracidade da pesquisa. (GOLDENBERG, 1997).

Por essas razões, optou-se pelo uso do Formulário Google, através do qual os participantes responderam um questionário misto e as informações obtidas foram categorizadas, usando-se o método de análise de conteúdo descrito por Bardin (2006). Para Goldenberg (1997), o sucesso de uma pesquisa desse tipo encontra-se na confiança adquirida entre pesquisador e pesquisado. Portanto, o primeiro precisa ter muita cautela em sua abordagem, como assevera a autora:

Como qualquer relação pessoal, a arte de uma entrevista bem-sucedida depende fortemente da criação de uma atmosfera amistosa e de confiança. As características pessoais do pesquisador e pesquisado são decisivas. É muito importante não se criar antagonismo ou suspeita nas primeiras abordagens. As atitudes e opiniões do pesquisador não podem aparecer em primeiro plano. Ele deve tentar ser o mais neutro possível, não sugerindo respostas. (GOLDENBERG, 1997, p. 90).

O posicionamento de Goldenberg (1997) é bastante coerente, principalmente em pesquisa cujo qual os participantes preferem permanecer no anonimato. Essa maneira de aproximação com os sujeitos a serem estudando é de suma importância para abstrair a essência da pesquisa, pois os mesmo se sentiram mais à vontade para participar e responder as questões de modo comprometido.

3.3. ANÁLISE DOS DADOS

As informações contidas nos questionários aplicados permitiram fazer uma análise tanto quantitativa como qualitativa, possibilitando a criação de categorias a respeito desses profissionais, na cidade de Aracaju, contribuindo para um mapeamento e para discussões socioeconômicas a respeito dos

participantes. Os dados foram tabulados e serão apresentados nas formas de tabelas e gráficos, com as referidas discussões, na secção “Resultados da presente pesquisa” adiante (MORAES, 1994).

Todo o material coletado através do questionário foi submetido à análise de conteúdo (BARDIN, 2006). A análise de conteúdo é um processo pelo qual se pode compreender a realidade, por meio da interpretação de textos ou discursos que tenham vínculos com essa mesma realidade.

Assim, a análise de conteúdo possui um respaldo científico para extrair o conteúdo central de textos, geralmente escritos.

A análise de conteúdo constitui-se de um conjunto de técnicas e instrumentos empregados na fase de análise e interpretação de dados de uma pesquisa, aplicando-se, de modo especial, ao exame de documentos escritos, discursos, dados de comunicação e semelhantes, com a finalidade de uma leitura crítica e aprofundada, levando à descrição e interpretação destes materiais, assim como inferências sobre suas condições de produção e recepção. (MORAES, 1994, p. 104).

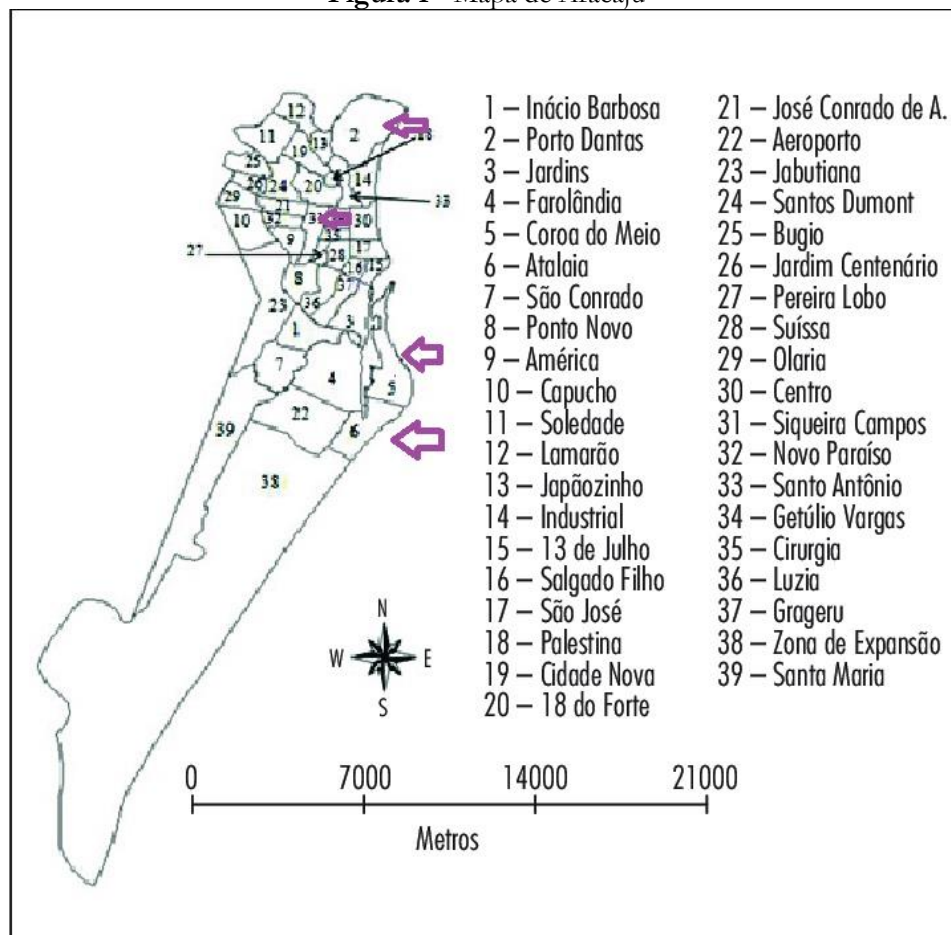
As similaridades de respostas permitem a formação de categorias que irão melhor definir posicionamentos socioeconômicos e ampliar a discussão da presente pesquisa. Essa categoria formulada pelos dados coletados no questionário contribuirá para a produção de gráficos e tabelas fundamentais para a discussão dos resultados da pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa contou com 18 participantes, sendo que 14 deles residem na proximidade da Orla de Atalaia, nos bairros Coroa no Meio (5) e Atalaia (9), ponto turístico com a presença de bares, restaurantes, casas noturnas e praia. Os outros participantes residem mais afastados desse ponto turístico, mais próximos ao Centro da Cidade: 3 residem no bairro Siqueira Campos e 1, no Porto Dantas. Alcântara (2008) revela que isso se processa pelo movimento de maior clientela, como, no caso, dos bairros próximos à Orla da Atalaia.

A frequência de participantes por bairro de sua residência é demonstrada no mapa abaixo respectivamente, nota-se que o percentual de garotos de programa nos bairros Coroa do Meio e Atalaia, tiveram a maior frequência, sendo enfático frisar que são nesses bairros que se localiza a orla de Atalaia, local com a maior disponibilidade de infraestrutura turística do Estado e da Cidade de Aracaju.

Figura 1 - Mapa de Aracaju



Fonte: Google Pesquisa, mapa adaptado pelos autores (2020).

O elevado percentual de garotos de programa nesse bairro acaba o tornando conhecido para os clientes que procuram esse tipo de serviço, inclusive, é nesse local que se concentra a maior quantidade de boates ligadas a essa atividade, na cidade de Aracaju. Entende-se, pelo exposto, que as ações de grupos sociais são as responsáveis pela criação e recriação de territórios no espaço urbano e, nesse processo de apropriação espacial, passam a viver e a desenvolver suas atividades.

O estudo realizado por Freitas e Ferreira (2011) explica que a participação cotidiana dos sujeitos sociais influi de modos macro e micro no processo de produção e reprodução do espaço. E, em seu processo de apropriação, criam significados, convivência, cumplicidade, locuções, marcas que formam identidade própria de grupo. É a partir desse compartilhamento entre os sujeitos que vivenciam as mesmas situações de conquistas, ou mesmo de dificuldades, que ocorre a territorialidade no espaço vivido. Essa dimensão pode ser observada nas frases abaixo, escritas pelos participantes 5 e 12:

P5: Devido a intensa procura por programa nesse bairro, acabei saindo da casa da minha mãe para dividir um cafofô com colegas de profissão.

P12: Muitos clientes conseguimos na balada, nas boates que curtimos, quando conseguimos o trampo, eles querem vir até o nosso local, por isso, vim morar aqui na Coroa do Meio.

Guatteri (1985) corrobora com essa visão ao afirmar que entende o território como o produto da subjetividade de indivíduos, que imprimem no espaço os seus diferentes sistemas simbólicos e morais, representados em suas manifestações diversas de projetos, interesses, culturais e identidades de seus integrantes.

P17: A clientela sabe que esse local é onde nós estamos, mesmo não ficando nas ruas, quando eles querem algo, já sabe que aqui na Orla, tem uma variedade, aí fica em sua escolha saímos para um motel, ou no local do michê.

As territorialidades dos grupos que habitam as grandes metrópoles podem se encontrar, em maior ou menor nível, materializadas em elementos simbólicos. Os diferentes espaços da cidade, como os ambientes públicos e semipúblicos, podem se efetivar como lugares simbólicos para os mais variados grupos sociais e suas interações e usos estão envolvidos por normas de uso formais e informais nos espaços.

O dualismo econômico presente no sistema capitalista de produção contribui para a definição e o entendimento de uso do território. Teixeira (2003) constrói uma análise da divisão tradicional entre espaços públicos e privados, pois oportunizam conhecer, de modo distinto, a influência desses espaços nas interações sociais presentes nas cidades. E essa concepção é de fundamental importância para a discussão da questão aqui abordada.

Teixeira constrói sua discussão a partir de uma análise crítica. Ele cria três categorias distintas de espaço. A primeira ele define como “espaço semipúblico”. Estão contidos neste os locais de maior uso público pela sociedade, tais como praças, ruas e parques, porém não nega que, em alguns casos, os espaços públicos, por diversas razões, tornam-se seletivos.

A segunda é o “espaço semipúblico de consumo não compulsório”. Este, apesar de ter natureza privada, possui um grande acesso de pessoas, sendo fundamental para diferenciar do próximo. Neste não existe o pagamento de taxas para acesso e permanência, mas ocorre corriqueiramente uma constante vigilância de segurança, por exemplo, a entrada em um shopping.

A terceira categoria é fundamental para a compreensão do território da prostituição. É o “espaço semipúblico de consumo compulsório”. Como explicitado antes, neste prevalece o pagamento de taxa

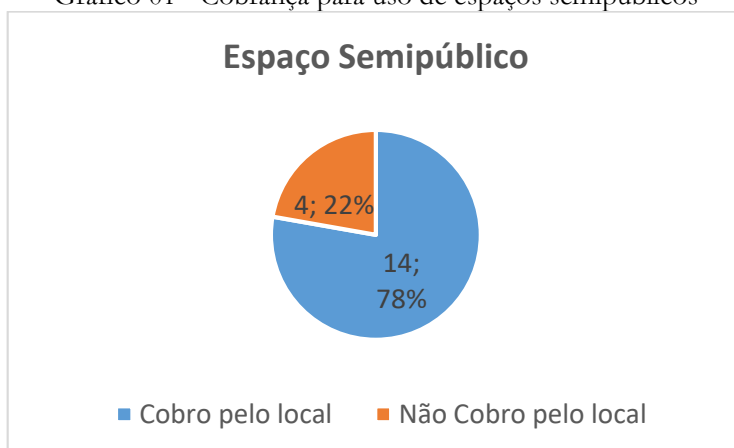
ou a necessidade do consumo de algum serviço ou mercadoria, por exemplos: restaurantes, teatros, motéis, saunas e boates.

No caso dos garotos de programa, os espaços usados são os semipúblicos de consumo compulsório, pois, apesar de possuírem um fluxo expressivo de pessoas, seus clientes são encontrados ou optam pelo uso de estabelecimentos privados, existindo a necessidade de pagamento.

Essa categoria permite compreender o uso de determinados espaços da cidade para a prática da prostituição masculina, mesmo não existindo restrição social a esse tipo de encontro. Prado Júnior (2018) expõe que ela possibilita uma análise mais minuciosa das interações que ocorrem sob a óptica de um espaço identitário rígido, consolidado, bem como daqueles que se constituem, informalmente, em locais não planejados para determinado fim. Assim compreender os espaços públicos e privados da prostituição masculina em Aracaju/SE e seus variados aspectos e significados é um ponto-chave da presente pesquisa

O gráfico 01, revela o total de participantes que afirmaram cobrar um determinado valor para que o atendimento seja realizado em seu local, segundo os participantes essa prática vem se tornando comum, fazendo com que eles necessitam estar estrategicamente localizados na cidade e possuam um ambiente limpo e com produtos para a profilaxia de seus clientes após o serviço, como produto de higiene pessoal, toalhas e outros.

Gráfico 01 - Cobrança para uso de espaços semipúblicos



A análise mais interpretativa da prostituição masculina para a geografia é a concepção de territorialidade, visto que os profissionais, além de ocuparem, se apropriam e exercem controle sobre o espaço. Optou-se, nesta pesquisa, por uma discussão espelhada nas leituras do professor Haesbaert (2004), pois o mesmo permite um amplo olhar sobre o fenômeno, discutindo desde a materialidade do microterritório da prostituição até a apropriação simbólica, sendo que esta última é a essência para a

interpretação do estudo, uma vez que os garotos de programa exercem mais apropriação simbólica que controle concreto do espaço. (ALCÂNTARA, 2005).

O gráfico 02, questionou aos participantes! Você oferece seus serviços apenas no bairro em que reside? A maioria afirmou que não. As respostas dos participantes revelou a fluidez de movimento da oferta de serviço ou dos profissionais, porém via de regra, cinco participantes afirmaram que apesar da transitoriedade de fluxo dos bairros em que ofertaram os serviços, esses precisam estar próximo ao Centro da cidade, para abarcar os clientes que vêm do interior para o centro da cidade e próximo ao bairro de Atalaia, onde localiza-se os pontos turísticos mais importantes da Capital aracajuana, com forte presença de bares, restaurantes, hotéis, casas noturnas, dentre outros.



Nota-se, portanto, que a oferta do serviço também é bastante dinâmica, pois, em muitos dos casos, os garotos de programa se deslocaram ou iniciaram esse serviço ainda em seu bairro ou em regiões que outrora possuíam uma característica próxima à simbolicamente oferecida pela Orla de Atalaia, na atualidade.

A tabela 01, localiza os bairros de atendimento dos garotos de programa na cidade de Aracaju, o quadro corrobora com a resposta dos participantes da tabela anterior, mostrando um forte de fluxo atendimento em bairros próximo ao centro da cidade e na Orla de Atalaia.

Tabela 1 - Locais em que já atendeu ou atende na atualidade

Participante	Locais
P2, P6, P15, P11, P16	Centro, Lamarão, Porto Dantas, João Alves, Lamarão, Soledade
P1, P14, P7, P9, P17, P18	Centro, Farolândia, Coroa do Meio, Atalaia, Aeroporto, Suíça, Ponto Novo, Jabutiana, São José
P3, P4, P10	Santa Maria, Japãozinho, Siqueira Campos
P5, P8, P12, P13	Santo Antônio, 18 do Forte, Inácio Barbosa
Total: 18 participantes	99,99%

*Houve participantes que deram mais de uma resposta.

Como descrito anteriormente, “o território da prostituição é expressivamente flutuante e instável”. Buscando compreender esse dinamismo, é notório discutir sobre os bairros com maior infraestrutura e considerados urbanizados, como Centro, Farolândia, Coroa do Meio, Atalaia, Aeroporto, Suíça, Ponto Novo, Jabutiana e São José. Em nível de análise socioeconômica, esses bairros estão próximos ao Centro da Cidade e, até pouco tempo, reuniam, ou ainda reúnem, particularidades que contribuem para a efetivação da prostituição, como a presença de casas de show, boates e universidades. Esse aspecto pode ser observado nos depoimentos de alguns participantes:

P9: Iniciei o trabalho como michê para pagar a faculdade e o aluguel.

P17: Os clientes gostam de bairros próximos, se forem afastados eles não fecham o programa.

Rago (1997) comenta sobre a troca de favores sexuais por dinheiro ou presentes. P9 diz que realiza a atividade em troca de dinheiro para pagar o curso superior. Já P17 expõe que existe uma determinada espacialização dessa atividade, uma vez que, se for para ser realizada em áreas mais afastadas, acaba perdendo o cliente. Isso revela, portanto, que existe a necessidade de adequação do serviço ao público, principalmente para que ocorra em bairros próximos ao centro da cidade.

A ocupação do espaço-tempo pode sofrer bloqueios quanto à sua utilização, pois tais grupos possuem uma gama de atitudes, viabilizando a gênese, a imitação, o desmantelamento e a reestruturação do tratamento dispensado aos presentes no local. Isso porque são diferentes os grupos que utilizam determinado local como forma de comércio, vivência e aceitação. (CORREA, 2000, p. 89).

A esquina, a rua, o conjunto ou um lugar, no caso da prostituição, se constrói enquanto território durante certo período de tempo. Isso porque um grupo ou o indivíduo, ao se apropriar desses locais, forma um território. Essas áreas são delimitadas simbolicamente pelos grupos que atuam em determinadas regiões, como ruas no centro da cidade, em jornais, sítios e aplicativos.

Nesta discussão, um ponto interessante é que cerca de 68% dos garotos de programas trabalham a partir do contato antecipado por telefone. O cliente marca o horário e escolhe o local para o atendimento. Essa característica difere da pesquisa de Perlongher (1986), que detectou uma oferta do serviço realizada preponderantemente nas ruas ou em boates. Cerca de 32% dos entrevistados expõem que procuram seus clientes em locais fixos ou em boates e restaurantes.

Os que afirmaram usarem locais fixos explicam que diariamente ocorre a necessidade de “vigiar” seu espaço, pois é comum o conflito pelas esquinas, entre garotos, garotas e travestis. “Se faltar um dia, aí já viu, tomam na força.” (P2). O participante 2 expõe a instabilidade e o conflito que existem sobre o domínio do território da prostituição. Este, por sua vez, é diferente dos demais, pois produz no local uma identidade própria, sendo que essa identidade é móvel, instável e com forte disputa por “pontos” fixos no território. Alcântara (2005) comenta que esses territórios podem revelar característica de exclusão, divisão e conquista por grupos diferentes. Mas Teixeira (2003) contribui, agregando à ideia de Alcântara a existência de territórios que podem abrigar mais de um grupo, como os trabalhadores do sexo masculino e feminino.

Na discussão sobre território, Silva (2002) expõe três faces: a física, que aborda o território em sua forma materializada, ou seja, na forma concreta; a organizacional, que se modela pelas regras e pelo controle espacial; e a última, a existencial, que limita o território segundo a sua identidade simbólica. Desse modo, o território passa a ser percebido além do controle espacial do poder, pois nesse existem regras, códigos, fluidez e flexibilidade de seus limites. (SILVA, 2002; ALCÂNTARA, 2005).

As práticas e expressões desenvolvidas pelos garotos de programa condicionam o espaço por eles apropriado, por exemplo, tem-se a visualização de seus territórios pelos usuários dos serviços (clientes). No espaço da prostituição masculina, a territorialidade se revela de modo diferente.

A posse se dá de forma diferente, porquanto o que prevalece é mais o simbolismo como as vestimentas, comportamentos e gestos mais ousados e o código através de olhares e manipulação das partes íntimas, que é desenvolvido pelo michê, como estratégias de sedução e entendidos por seus clientes. (ALCÂNTARA, 2005 p. 39).

Ressalva-se que as características acima expostas se referem aos territórios da prostituição aberta, sendo importante entender que são bastante variadas as estratégias criadas e utilizadas pelos garotos de programa para construir espaços de prostituição. Podem ser identificados, por exemplo, os sites e aplicativos usados para a oferta de serviços de encontro com os profissionais do sexo, como novos espaços para a disposição de conteúdo e imagem desses profissionais.

Perguntou-se sobre o uso de aplicativos, como o WhatsApp, se o mesmo influencia na atividade por eles desenvolvidas, as respostas foram categorizadas e apresentada na Tabela 02:

Tabela 02 - Influência do WhatsApp na contratação do programa

CATEGORIAS	FREQUÊNCIA DE RESPOSTA
Necessária	78%
Amedronta algumas pessoas	12%
Importante para mandar fotos	10%
Total:	100%

Na análise das categorias fornecidas pela tabela 02, observa-se que a maioria dos garotos de programa aprovam o uso do aplicativo WhatsApp, pois comentam que aproxima o cliente dos serviços, já que os profissionais podem conversar e enviar fotos íntimas para os mesmos. Porém cerca de 12% revelam que esse aplicativo amedronta. A análise de conteúdo revela que muitos escrevem a mensagem e logo apagam, ou mesmo, afirmam que escrevem errado. Para o participante 7, isso é resultante de “*medo que agente guarde e sei lá, envie para alguém, coloque na internet, só pode ser isso*”.

P18: O uso do sap é muito importante para a aquisição de clientes, pois eles pedem foto minha nu e conseguimos fechar valor, entendeu, rarara.

P9: O celular e o e-mail hora é bom e outra ruim, pois muita gente escreve e não sai, saco, ficam somente enrolando.

P5: Não sei o que escrever, mais mando a foto logo e vamos lá!

Por meio desse aplicativo, é possível postar fotos, vídeos e conversar oralmente ou por troca de mensagens textuais, almejando persuadir as sensações e emoções do cliente para firmar a contratação. Os garotos de programa que usam sítios da web trazem, para este estudo, a ideia de territorialidade, visto que ampliam fronteiras e rompem barreiras territoriais. (HAESBAERT, 2004).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da prostituição masculina na cidade de Aracaju é bastante dinâmica. Esse dinamismo permite uma compreensão das diferentes territorialidades impostas à atividade de prostituição nessa cidade. Devido ser considerada uma cidade de pequeno porte, muitos profissionais da área preferem se apresentar via plataformas de websites existentes na internet e todas as transações comerciais dos serviços são efetivadas por meio de aplicativos como o WhatsApp.

Compreende-se, portanto, que, apesar de a maioria não possuir um território fixo para conseguir cliente, eles residem em bairros que apresentam um alto fluxo de turismo para conseguirem obter futuros clientes, ou mesmo, próximos ao Centro da cidade, pois a localização do seu local de atendimento contribui para fechar a atividade com os seus clientes. Nesse sentido, o uso de equipamentos tecnológicos de comunicação, como o telefone, e de vários softwares e aplicativos, como o WhatsApp, vem se mostrando relevante para os acordos de programa entre os clientes e os michês.

Nessa perspectiva, conclui-se que os territórios de prostituição nas áreas urbanas, além do controle e da apropriação do espaço, geram identidades próprias, e estas favorecem para os diferenciarem de outros territórios existentes. Refletindo sobre o exposto, é importante asseverar que os diferentes processos identitários existentes no espaço urbano resultam em micro segregações. Essa seria uma singularidade dos pequenos espaços, que são ocupados por grupos que apresentam condutas duvidosas, comparadas às aceitas pela sociedade. Como exemplo, tem-se os grupos formados por prostitutas, michês e travestis, brevemente espelhados por este artigo.

6. REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Jean Moreira. **Territorialidades noturnas: prostituição de rua na área central de Manaus.** Manaus: UFAM, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.) **Geografia: conceitos e temas.** 5. ed. Bertrand: Rio de Janeiro, 2000.

COUTO-JUNIOR, D. R. **Alteridade, etnografia virtual e educação: aprendendo e ensinando com o outro.** Disponível em < <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/3110/2487>>, acesso em 15/07/2020.

FREITAS, Tânia Maria de; FERREIRA, Cleison Leite. A produção do espaço urbano: formação de território e governança urbana: o caso da quadra 50 da cidade Gama - DF. **Anais.** Circuito de Debates Acadêmicos, 1. Brasília – DF: IPEA, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

GUATTARI, Félix. Espaço e poder: a criação de território na cidade. **Revista Espaço & Debates,** São Paulo, n. 16, p. 109-120, 1985.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LEMOS, André. Os sentidos da tecnologia: cibercultura e ciberdemocracia. In: _____; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010. p. 21-31.

MERCADO, L. P. L. **Pesquisa qualitativa em geografia**. In: Encontro Nacional de geógrafo, XVII, 2012, Belo Horizonte/MG, Anais, 2012.

MORAES, R. Análise de conteúdo: limites e possibilidades. In: ENGERS, M. E. A. (Org). **Paradigmas e metodologias de pesquisa em educação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

OLIVEIRA, J. C. **A casa e a rua: frutos do trabalho social ou local de dominação?** Boletim Goiano de Geografia, 1998.

PERLONGHER, Nestor Osvaldo. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. 1986. Dissertação (Mestrado de Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estado de Campinas, Campinas - SP, 1997

PRADO-JÚNIOR, et all. **Epistemologia do território: a prostituição masculina em Goiânia**. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/urbe/v10n2/2175-3369-urbe-2175-3369010002AO14.pdf>>, acesso 13/12/2020.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder** (Trad. Maria Cecília França). São Paulo: Ática, 1993.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

RIBEIRO, Miguel Ângelo. Prostituição de rua e turismo em Copacabana – A Avenida Atlântica e a procura do prazer. **Revista Território**, ano 2, n. 3, p. 87-99, jul./dez. 1997.

SACK, R. **Human territoriality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, A. E. **Do surgimento da cidade ao processo de conturbação**: elementos teóricos para análise. Disponível em < http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404388439_ARQUIVO_Dosurgimentodacidade.pdf>. Acesso em 24/10/2020.

SANTOS, M., Souza, M. A., & Silveira, M. L. **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994.

SOUZA, Marcelo José Lopers de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elías de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia**: conceitos e temas. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. **Territórios homoeróticos em Belo Horizonte**: um estudo sobre as interações sociais nos espaços urbanos. 2003. (Dissertação de Mestrado). Belo Horizonte – MG: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2003.

TURRA NETO, N. Pesquisa Qualitativa em Geografia. In: **Etnocentrismo virtual**. XVI Encontro Nacional de Geógrafos. Belo Horizonte/MG. 2012 (Anais), (p.1-10).